

Sete aforismos sobre a cegueira – e mais algumas notas, dialécticas, intuições

PEDRO EIRAS*

1. Que a cegueira é a norma, não a excepção.

§ Para começar, uma lista de tudo o que não vejo, de tudo o que sei que não vejo: o passado e o futuro; o que está atrás desta parede; o outro lado do mundo; os ultravioletas e os infravermelhos; o vento, o próprio vento do ar limpo, em si próprio; os átomos, os *quarks*, forças, energia, as radiações.

O abismo atrás do nevoeiro; a minha nuca; os teus pensamentos; todas as coisas assim que as luzes se apagam; o interior dos corpos humanos, as suas vísceras; o cenário no teatro antes de subirem as cortinas; a mesma paisagem através do ponto de vista das outras pessoas que a vêem.

O excessivamente grande, o excessivamente pequeno; o fundo da terra; tudo o que é visto por um gato, uma mosca, um falcão, uma baleia; o tempo, as metamorfoses muito subtis; o avançar do ponteiro dos minutos, das horas; o crescer da folhagem nas árvores; a circulação do sangue.

A cegueira não é a excepção – é a norma.

§ Dito de outro modo: vivemos no invisível.

Mas não vemos que vivemos no invisível, esquecemos que vivemos no invisível: para nos protegermos, para sobrevivermos, dizemos a nós mesmos que estamos a ver.

E talvez haja o princípio de uma honestidade espantosa, paradoxal, quando alguém, finalmente, diz: Estou cego, estou cega.

2. O outro é um abismo.

§ Adenda à lista de tudo o que não vejo: os teus pensamentos, as tuas emoções, as tuas memórias; o vago pressentimento, obscuro até para ti, que acaba de te atravessar; os teus sonhos; as tuas esperanças, intuições; as imagens que inventas, mesmo de olhos fechados; a tua íntima paleta de cores.

§ Mas o mais espantoso nem é essa experiência interior, necessariamente secreta, tudo aquilo que acontece dentro do corpo do outro; o mais espantoso, o mais improvável, consiste em conseguirmos – dar a ver.

E esse é um ofício dos actores, das atrizes: tornarem o invisível visível. Por um gesto, uma hesitação, um sussurro todo interior, pausas, súbitas decisões, certo olhar perdido no espaço, um ricto quase imperceptível de medo, um riso ferozmente festivo, trata-se de dar a ver – mesmo o invisível. Por isso, um ensaio de teatro é a lenta procura de uma exteriorização: o acto que permite encontrar, no corpo fechado, uma abertura, esse lugar improvável em que de repente se vêem as trevas.

* Escritor.

§ Que essa mostração, porém, seja o início de um novo segredo (mais subtil, mais profundo, mais salvaguardado).

3. Nós vemos, mas não vemos que vemos.

§ Não vemos que vemos, ou só muito raramente, e com enorme esforço.

As Asas do Desejo, de Wim Wenders/Peter Handke, citado de cor: “e dentro dos olhos fechados, fechar outra vez os olhos.”

Pois bem: e dentro dos olhos abertos, abrir outra vez os olhos.

§ Vemos as coisas, mas dificilmente vemos que estamos a ver, dificilmente prestamos atenção à nossa própria visão.

Limitamo-nos a ceder ao poderoso fascínio das coisas visíveis: tão múltiplas, chativas, impressionantes. Dificilmente paramos para ver que vemos, para pensar na fragilidade de um mundo feito de imagens.

§ Seria preciso lembrar a toda a hora: *ceci n'est pas* um mundo – mas sim: uma imagem, uma película, uma tentativa de sentido, quer dizer, uma ilusão à medida das nossas possibilidades, dos nossos limites.

Damos o mundo por adquirido. Não vemos que é uma construção nossa. Nós não vemos, nós imaginamos (criamos imagens), nós inventamos.

§ Mas não há aí qualquer indício de tragédia. Pelo contrário (“é preciso imaginar Sísifo feliz?”): nós temos esta maravilhosa possibilidade – de inventar mundos.

4. Nós não vemos que não vemos.

§ Isto, sim, é trágico: não vemos que não vemos. Estamos cegos e não o sabemos. Não conhecemos o tamanho daquilo que ignoramos.

Porque não basta listar tudo o que sabemos que existe e que permanece invisível para nós. Seria preciso acrescentar outra lista, exponencialmente maior, de tudo aquilo que não sabemos que não vemos. Mas o que colocaríamos nessa lista, se – precisamente, precisamente – não o vemos?

§ Tu não vês que não vês o que não vês.

Tu não vês a tua própria cegueira.

§ Um exercício: mostra o que não vês.

Bem, não vejo, por exemplo, *isto aqui*.

Nesse caso, acabas de o ver. Tenta de novo, tenta de novo.

(Desiste.)

(Interlúdio.)

§ *Ceci n'est pas* um texto sobre a cegueira (como escreveria sobre a cegueira, sobre a própria cegueira, sobre a minha cegueira própria, vendo-a a partir de qual ponto de vista – precisamente, precisamente?). Também não é um ensaio a propósito do romance de José Saramago, um ensaio sobre o *Ensaio Sobre a Cegueira* (não posso escrever aqui uma tese, não quero escrever um artigo científico, decerto não

me interessa nada dar a ver uma aula de literatura). E ainda menos uma crítica de teatro, pensando a adaptação do texto por Cláudia Cedó, a encenação de Nuno Cardoso, o trabalho dos corpos e da cena (que prossegue em pesquisa, em ensaios, metamorfose e marcações, conforme escrevo estas linhas, eu – que apenas espri-tei, entrevi, assisti a algumas imagens, a uma procura incompleta, e que a partir de fragmentos imagino um todo, quero dizer: de breves visões alucino uma imagem maior, que não se vê com os olhos).

§ *Ceci est*, e só pode ser, uma braçada de intuições, tentativa de aforismos, uma deriva dialéctica, talvez, em torno dos textos e visões, narrativas e alegorias, como quem tacteasse em volta e, mesmo sem ver, percebesse pelo tacto a resistência do mundo.

§ Pois também há um rigor do tacto. Como mostra Diderot, na *Carta Sobre os Cegos para Uso Daqueles que Vêem*. Ou Rui Nunes, lapidariamente, em *Baixo Contínuo*: “Eu procuro, eu bem procuro, mas, por entre manchas, só há manchas, ainda não cheguei à exactidão de um cego. Por isso, escrevo.”

5. As alegorias inventam olhos novos dentro dos velhos.

§ Há então uma narrativa, ficção, alegoria ou parábola de José Saramago, um romance chamado *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), no qual todas as personagens cegam (porquê? não sabemos), excepto uma (porquê? impossível dizer).

Uma a uma, cegam, e apercebem-se da cegueira, e dizem esta frase descritiva, mas que é também um grito e um apelo e uma autocondenação: Estou cego, estou cega.

§ O que é uma alegoria? No mínimo, um texto que bifurca em (digamos) letra e espírito. Lemos uma narrativa pontual, mas retiramos dela uma matriz universal, jogo de forças que permite descrever outras narrativas, histórias, vidas. Lemos ou vemos uma determinada história, mas intuimos, por uma enigmática razão, que existe algo mais para ver, algo que excede os factos descritos, os casos particulares.

Sabemos usar o verbo *ver*, mas a alegoria exige um outro verbo, ainda inexistente e desde sempre omnipresente, algo como *super-ver*, *super-ler*: ler o texto, a história deste homem, daquele ladrão, de um certo médico e da sua mulher, mas também atravessar o texto, ler através, ler nas cegueiras pontuais uma lei da cegueira mais ampla, ler nas histórias dos outros, das outras, a nossa própria história.

Ou seja, ler (mas com que olhos, exactamente?) que também estamos cegos, que *eles e elas* somos *nós*.

§ Os olhos que lêem a letra não são os olhos que vêem o espírito.
É possível estar cego destes, e não daqueles. (E vice-versa.)

§ Por que razão a cegueira se presta tanto a parábolas e alegorias? Os cegos que guiam os cegos. A justiça cega. Homero e Tirésias e Édipo (e a visão interior). A cura milagrosa dos cegos pelo tacto, pelo cuspido. Cupido disparando setas, sem ver. Certas parábolas de Nietzsche: “quando se restitui a vista ao cego, ele vê na terra demasiadas coisas mas maldiz aquele que o curou.” E etc., etc., etc.

Talvez porque o próprio conhecimento é descrito como uma forma de visão. Lucidez. O iluminismo. Claro! “Estás a ver?”, “Bem observado!”...

§ E também por que razão, para ver profundamente, é preciso fechar os olhos? Homero narra imagens nítidas sendo cego; talvez as narre tão nítidas por ser cego.

§ Estarei, também eu, a falar por parábolas, por alegorias? Haverá, atrás da letra deste texto (notas, dialécticas, intuições), um espírito secreto, que fosse preciso surpreender? Quem me lê está realmente a ler – a ler o que eu quero dizer (passe a rima obstinada, obsidiante)? E quando eu leio um texto, o que me garante que estou a ler, a ver, a compreender, a interpretar correctamente? Como sei que estou a comunicar? Como sei que sei?

Talvez não se possa ler nem escrever sem abrir logo a possibilidade do desvio, do desencontro, do erro (de um erro que não se pode provar, demonstrar, ainda menos corrigir). Mesmo que um texto viesse com manual de instruções, como interpretar o manual de instruções? Mesmo que o dicionário explique o significado de uma palavra, como saber se o texto obedece ao dicionário? Dentro do código da língua, dentro dos implícitos culturais, como assegurar que o texto não inventa um novo código, secreto, ironia subtil e privada?

§ Paul de Man escreveu um livro fundamental sobre o carácter indeterminável da interpretação de um texto literário, sobre as cegueiras do leitor perante a sua própria leitura. Traduzido para português, *Blindness and Insight* passou a chamar-se *O Ponto de Vista da Cegueira*.

§ E Manuel António Pina pergunta, num poema de *Ainda Não É o Fim Nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde*: “estão todos a ver onde o autor quer chegar?”

A resposta é: sim – não – talvez – quem sabe? Como poderíamos garantir que sabemos, que estamos mesmo a ver onde o autor quer chegar? Como podemos assegurar que não estamos cegos? Como, perante um texto, um poema, a linguagem em estado de festa, podemos saber que sabemos?

6. É a cegueira que contagia – ou o contágio que cega?

§ A alegoria diz que estamos, todos e todas, cegos e cegas.

Mas também que a cegueira é contagiosa. Vejamos, vejamos –

§ Cientificamente, claro, trata-se de uma premissa insustentável. Mas claro que um romance não precisa de se subordinar às leis científicas. Ou por outra: um romance pode inventar a sua própria ciência.

E nós só podemos ler se aprendermos uma nova ciência da cegueira, do contágio, da epidemia.

§ Um homem cega: porquê ele? porquê agora? de que cegueira espontânea, latente, interior, ao mesmo tempo própria e universal?

Depois, as outras pessoas começam também a cegar – e nós partimos deste princípio: foi aquele homem que infectou as outras pessoas.

Porquê? Se estamos num outro universo, se estamos perante outra ciência, por que razão devemos pensar em termos de contágio? Se há em *Ensaio Sobre a Cegueira* a liberdade da ficção científica, esta cegueira repetida não pode simplesmente estar latente em todas aquelas pessoas, e irromper espontaneamente em cada uma? O que quero dizer é isto: nenhum estudo científico chega a comprovar que a cegueira foi transmitida entre os corpos.

Talvez a cegueira, neste universo, esteja latente em toda a humanidade. Talvez seja interior, própria, e não deva nada ao contexto, à circunstância.

§ Porém, que nós pensemos a doença como contagiosa – isso, sim, é problemático.

§ Obviamente, não estou a negar que, no nosso mundo, haja doenças contagiosas. Claro que uma pessoa doente pode contagiar outras; e importa saber prevenir esse contágio. Porém –

Quando a epidemia de covid-19 surgiu na China, e ao fim de alguns meses se espalhou por todo o mundo, calhou eu ir jantar a um restaurante chinês, perto de casa. É um pequeno restaurante, bastante concorrido, onde sempre precisei de esperar algum tempo para ser servido. Mas, pela primeira vez, não havia clientes à espera: eu era o único.

Não estou a negar que os contágios existam; estou a dizer que, se uma epidemia surge na China, isso não nos deveria levar a ver todos os chineses do mundo como imediatos elementos contagiosos. Estou a dizer que o espectro do contágio alcança um valor mágico, histórico, xenófobo.

§ Porquê estabelecer um elo entre o outro e o perigo? Talvez estabelecer esse elo seja a verdadeira cegueira.

7. Mas onde existe o perigo cresce também aquilo que salva (Hölderlin).

§ Comecei por escrever uma lista de tudo o que não vejo. Agora precisaria de escrever outra lista, pelo menos do mesmo tamanho, de tudo aquilo que, vindo do outro, me contagia, e se torna parte de mim:

palavras, imagens, recordações, uma memória de infância, um verso, uma ideia inalcançável, certo humor subtil, as dúvidas, as descobertas depois das dúvidas, o uso da linguagem, uma determinada maneira de ver todas as coisas, uma perspectiva.

E isso acontece quando ouvimos alguém, quando lemos um livro, quando a seta do poema nos trespassa.

§ Eu sou eu próprio, mas sou também constituído pela matéria dos outros, por tudo aquilo que me contagia, e se torna matéria minha.

§ E quando, no teatro, actores e atrizes diferentes partilham a mesma personagem, encarnando à vez uma vida, uma existência, eles, elas demonstram uma lei que começa por parecer insólita, e depois se revela universal: eu sou eu, mas

também sou os outros, agora sou saudável mas daqui a pouco serei cego, eu estou doente mas daqui a pouco estarei saudável, eu sou poroso e maleável e matéria-prima para receber em mim o contágio, eu desejo, eu espero, eu chamo o contágio do outro.

§ No início de *O Teatro e o seu Outro*, Artaud descreve o teatro como uma forma de peste: manifestação de crueldade, terror, extrema violência – que contagia o público e desencadeia nele (mas nesse instante já não há simples público receptor) a experiência sublime do medo radical, de uma transfiguração de si.

E não há peste sem haver teatro, nem há teatro da crueldade sem sofrimento. Mas tudo isso – sofrimento, teatro, peste – tem de ser desejado.

§ Sem essa forma de contágio, talvez não haja comunidade. Sem mistura, troca, diálogo, há apenas o sujeito asséptico, solipsista, entre as quatro paredes desinfetadas da sua solidão. O inverso de *Ensaio Sobre a Cegueira é Safe*, de Todd Haynes: uma vigilância tão rigorosa contra o perigo, um cuidado tão extremo em criar um mundo inofensivo – que o mundo se torna afinal insuportável, e a autodefesa uma forma de isolamento, morte artificial.

Pelo contrário, quem aceitar o diálogo com o outro (com a palavra, a imagem, a experiência do outro) multiplica a sua vida por outras vidas.

§ Talvez a cegueira seja contagiosa, talvez se possa contrair determinadas formas de cegueira, sim, talvez haja terríveis cegueiras colectivas, invasivas (e também cegueiras históricas, e ainda cegueiras selectivas).

Talvez. Mas no meio dessas mesmas comunidades (dissonantes, violentas, caóticas) inventam-se também novas cosmovisões, linguagens, possibilidades de mundo.

§ Talvez a cegueira nos venha dos outros – mas também é dos outros que, muitas vezes, nos vem a melhor visão.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.